



## CORPO E CIDADE À LUZ DA GENTRIFICAÇÃO

**Diego Pontes**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

diegopontez@gmail.com

### 1 – INTRODUÇÃO

Por meio de um discurso de humanização e segurança do espaço urbano, catracas, muros, remoções, câmeras, iluminação em *led*, e cercas *biopolitizadas* (Foucault, 1978) estrategicamente posicionadas diante das experiências corporais e sensoriais das cidades sugerem a política dos catálogos imobiliários e do roteiro turístico espetacularizado, higienizado e pacificado da ordem urbana contemporânea.

Notemos que pelos croquis das distintas linhas de pensamento arquitetônico e urbanístico, comumente busca-se relacionar o corpo e a cidade trabalhando na projeção de sentidos sobre as formas de ocupação dos espaços urbanos e da vida cidadina. É comum encontrarmos obras “inspiradas” no corpo feminino, num ideal de cidade como organismo, e também na contensão e no controle efetivo da circulação e contaminação entre os corpos. Fala-se em fisiologia, artérias, pulmões, coração, e até em cirurgia ao se projetar e planejar as cidades, e por vezes recorremos ao corpo como válvula metafórica de escape para ilustrá-las e apreendê-las. (SENNETT, 2008)

Destaco, com isso, os conflitos e contradições inerentes a esta imbricação pelo olhar para a cidade e por sua compreensão enquanto extensão corpórea e lugar de colisões, tensões, dilemas e encontros, onde projetos arquitetônicos e urbanísticos “pacificadores” e gentrificadores apontam para uma ideia de cidade que se constrói aos moldes dos interesses e fluxos do turismo *mainstream*, da máquina imobiliária e da lógica da desencarnação dos espaços urbanos. Desse modo, o papel político de arquitetos, urbanistas e outros pensadores da cidade, que muitas vezes se escondem sob uma falsa pele de neutralidade e imparcialidade, direcionam e legitimam pretensas formas de apreensão dos espaços urbanos e das relações que por eles tecemos, assim como o próprio modelo de sociedade/cidade que estamos literalmente idealizando, projetando e construindo.



Caminhos pela cidade modernista e funcional do arquiteto Le Corbusieu, por exemplo, recompõem uma arquitetura calcada sob um ideal universalizado de corpos e serviços em prol dos modos de produção capitalista. Em sua clássica obra, *Por uma arquitetura*, publicada pela primeira vez em 1922 em Paris, dizia: *Arquitetura ou revolução, nós podemos evitar a revolução!* Por outra direção, uma prática arquitetônica e urbanística justamente a serviço da revolução, como a ensaiada por críticos radicais situacionistas, planejava-se justamente na ruptura do glamour positivista imposto pelo ideal da arquitetura moderna. (JEUDY, JACQUES: 2006)

Ademais, entendo que falar sobre direito à cidade é necessariamente falar sobre o direito ao corpo e vice-versa. Seus modos de usos e *contra-usos* (Leite, 2010), suas ocupações, seus atalhos, suas negociações e (des)territorializações, que se fazem no movimento dos percursos entre o corpo e a cidade, e que apontam indubitavelmente para uma gama de usos, sentidos e urbanidades possíveis que se escrevem muitas vezes distantes das pranchetas de arquitetos e urbanistas.

Por este caminho, sou levado a me questionar acerca do modo como os corpos respondem e reagem às regras e estruturas sociais e à ordem cidadina, onde pela atenção às experiências corporais entrelaçadas e marcadas nos espaços urbanos em transformação e *continuum* devir, somam-se outras questões que servem como pistas para as reflexões aqui apresentadas: qual a política dos nossos desejos em espaços espetacularizados, pacificados e higienizados? Quais as expectativas sobre os corpos em áreas urbanas envolvidas pelas demandas da *gentrificação*? Como podemos pensar as subjetividades corporais avessas aos clichês turísticos em um contexto de compulsórios projetos urbanísticos que expressam a lógica patrimonial e excludente das cidades? Como, então, a arquitetura e o planejamento urbano podem ser pensados também como pretensos meios de regulação do espaço das cidades e das relações que por ele tecemos?

Em meio a essas interrogações, estes apontamentos se desenham pela atenção aos caminhos errantes (Jacques, 2012) percorridos e observados pela região da Luz, no centro da Ilha de Florianópolis – SC. A região a qual me refiro compreende a cabeceira insular da interdita Ponte Hercílio Luz, o Mirante e Praça Hercílio Luz, e também o Parque da Luz e seus arredores e contornos, e atualmente tem presenciado mudanças significativas em sua estrutura física e em seu cotidiano, apresentando-se, desse modo,



como um campo frutífero a análise sobre as dinâmicas urbanas atravessadas por colisões, negociações e dilemas presentes na área em questão.

Assim, a recomposição de caminhos percorridos pela *Luz* por meio de saídas de campo e pesquisa bibliográfica realizada durante o ano de 2014 e 2015 me orienta e posiciona diante de elucidações sobre as transformações urbanas ocorridas em uma região da cidade historicamente localizada como um espaço de trânsito de corpos e práticas abjetas e desviantes (Losso 2010), uma vez que o espaço também é vivenciado por sujeitos marginalizados, como prostitutas, michês, usuários de drogas e moradores de rua.

Essa região tem como marca em suas memórias significativas limpezas urbanas e “embelezamentos estratégicos” orientados pelos fluxos do enobrecimento e da urbanização da cidade, onde as transformações urbanas ocorridas ao longo do processo de modernização de Florianópolis no século XX, e também as atuais mudanças no espaço em questão, caminham de encontro às reflexões sobre o processo de *gentrificação* da cidade, questionando sob quais discursos o espaço urbano tem sido construído, modificado e reinventado, e ainda quais os agentes envolvidos nestes atuais enredos.

Nesta direção, sugiro, portanto, uma reflexão teórica em diálogo com fragmentos recolhidos durante o trabalho de campo e levantamento bibliográfico sobre os movimentos e fluxos do centro da Ilha de Florianópolis, mais especificamente sobre o cotidiano marcado pelas *errâncias urbanas* e *práticas ordinárias* (Jacques, 2012; De Certeau, 2014) encontradas pelos caminhos da região da Luz, e que coexistem às transformações e higienizações urbanas promovidas no decurso do século XX, e também as que vêm ocorrendo nos dias de hoje.

## 2 – OBJETIVOS

Este trabalho consiste num esforço de elucidar as dinâmicas urbanas e a *guerra entre lugares* (Arantes, 2000) que envolvem o corpo e a cidade em movimento a partir do olhar ao processo de transformações da estrutura física e do cotidiano da região da



Luz em Florianópolis, dando, com isso, atenção às demandas da *gentrificação* que bordam o universo do espaço observado.

Desse modo, este trabalho busca sintetizar algumas questões tratadas em minha dissertação defendida em março de 2016 pelo PGAU-UFSC, onde por meio da incursão etnográfica na região da Luz e do registro de fragmentos de seu cotidiano em seus múltiplos usos e sentidos, busquei apreender o espaço em questão e suas práticas cotidianas *à luz da gentrificação*.

Para isso, o trabalho aqui apresentado busca dar conta teoricamente de uma reflexão sobre os conflituosos movimentos do corpo e da cidade no contexto contemporâneo a partir de uma crítica ao processo de *espetacularização* e *gentrificação* urbana, onde os fragmentos das cenas cotidianas da Luz que puderam ser captadas por meio das observações e caminhadas realizadas em trabalho de campo possibilitam a abertura de uma discussão que destacou as demandas higienizadoras e pacificadoras que envolvem as relações entre o corpo e a cidade.

Assim, pela atenção às experiências corporais das cidades e por meio dos efeitos produzidos a partir do entrelace entre o corpo e a cidade como forma de análise, neste trabalho abre-se espaço a questões que emergem pelos percursos traçados para além dos fluxos turísticos e que são compostos por corpos que se perdem, que desviam, que criam atalhos e constituem um modo específico e “vagabundo” de interrogar pela prática do espaço urbano. (DE CERTEAU, 2014)

### 3 – METODOLOGIA

Por meio de saídas de campo na região da Luz na Ilha de Florianópolis/SC e do registro de seu cotidiano em seus polifônicos usos e significados, este trabalho parte da valorização das *práticas ordinárias* (De Certeau, 2014) que se desdobram pelos caminhos da Luz e tensionam as demandas higienizadas e pacificadas que envolvem as relações entre o corpo e a cidade inseridos em processos de *gentrificação* urbana.

As transformações em curso que envolvem políticas do enobrecimento na região analisada, além de colidirem com o espaço qualificado e praticado pelo *homem comum* que nos conta Michel De Certeau (2014), nos leva a reflexão sobre as tensões que configuram o espaço urbano em suas “práticas, usos, astúcias e táticas cotidianas que



desviam, alteram ou jogam com os mecanismos autoritários da disciplina”. (DE CERTEAU, 2014).

Desse modo, a cidade lida através do corpo, pelas experiências do percurso, dos deslocamentos sinuosos e das geografias subversivas (Silva, 2009), se escreve e pode ser observada e apreendida a partir dos rastros corporais deixados por seus praticantes, em que por meio da perspectiva teórica da *corpografia*, apresentada pela urbanista Paola Jacques (2012), e inclinado aos diálogos com a etnografia pela antropóloga Silvana Nascimento (2016), torna-se possível a atenção às paisagens e processos urbanos contemporâneos por meio de articulações sobre o corpo e a cidade como espaço de lutas sociais, políticas e simbólicas.

Para Jacques (2012), pela *corpografia*, torna-se possível uma concepção do espaço urbano fundamentalmente a partir de seu cotidiano, abrindo caminho a uma crítica “ao império dos projetos arquitetônicos nas grandes cidades”. Essa espécie de cartografia corporal, que recompõe os movimentos e transformações urbanas e também os traços que corporeificam as cidades, dialoga com o *espaço praticado* e se encontra ao ritmo do *flâneur* (Benjamin, 2013), que existem em caminhadas e no perde-se entre a multidão e, por isso, em sua potencialidade crítica a ordem urbana hegemônica da orientação.

Assim, esse trabalho se insere em um campo de análise que visa apreender o espaço urbano contemporâneo na perspectiva do conflito e das tensões inerentes ao cotidiano da cidade. Então, quando pensamos as cidades contemporâneas atravessadas pelos interesses dos poderes hegemônicos coexistente à “memória dos passos perdidos” percorridos por *praticantes ordinários e errantes* da cidade, novos encontros teóricos tornam-se possíveis e passam, aqui, a fazer parte do olhar sobre o movimento do corpo e da cidade.

#### 4 - RESULTADOS PRELIMINARES

As observações realizadas durante a pesquisa de campo desenvolvida entre 2014 e 2015 e parte do que registrei a partir de fragmentos de experimentações do *flanêur*, caminhadas, conversas e situações informais e sistematizadas ao longo deste percurso são marcadas pela atenção à fluidez da região da Luz em suas passagens e



atravessamentos, que se expressam em formas particulares de vivências e significações sobre os usos do espaço urbano, podendo, por este caminho, ser apreendido como lugar do deslocamento contínuo e de contradições que envolvem um movimento oblíquo de delimitações de fronteiras que compõem o cotidiano da vida urbana.

Construídos sobre alicerces hegemônicos – tais como razão, unidade, identidade, estrutura e ordem –, os discursos tradicionais e formalistas sobre a arquitetura e urbanismo são, aqui, tensionados e colocados em questão. As reflexões propostas por Paola Jacques (2012) partem da valorização das práticas errantes urbanas para uma concepção de urbanidade que se trace pela multiplicidade e pela diferença, e não enquanto totalidade, racionalidade e forma, explorando, com isso, narrativas que colocam em evidência o quanto as *experimentações ordinárias* pela cidade e seus meios “de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível, e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos.” (JACQUES: 2012).

Outro olhar que traz a questão das práticas ordinárias e errantes ao pensar o cotidiano urbano por seu *espaço praticado* é apontado por Michel De Certeau (2014). Para o autor, esses praticantes são os que por meio de suas vivências pela cidade fazem brotar discursos dissonantes que provocam dissensos e questionam o planejamento e a construção da cidade de forma tática e astuciosa, tornando evidente, assim, os conflitos inerentes aos espaços citadinos contemporâneos que envolvem relações ambivalentes entre o corpo e a cidade.

Para esta discussão, o autor debruça atenção sobre a *Invenção do cotidiano*, dizendo que “a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder se ‘urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”. (DE CERTEAU, 2014)

Dito isso, por meio da observação do cotidiano da Luz com foco na abertura a uma discussão que possibilite a problematização da ideia de *guerra dos lugares* e *fronteiras simbólicas* (Arantes, 2000) a partir da existência de práticas e corporalidades que existem para além dos holofotes urbanos e dos cartões postais, e que habitam os “cantos” e as “horas” da cidade inesperadas e inóspitas às definições traçadas pelo



planejamento urbanístico, torna-se, com isso, possível questionar a própria “ameaça” a ordem normativa da cidade sugerida e intensificada pelo processo de *gentrificação*.

O olhar sobre os diferentes ritmos e tempos que compõem as dinâmicas da Luz, observados em caminhadas durante a manhã, tarde, noite e madrugada com a intenção de captar sociabilidades e interações mediadas pelo espaço e pelos “horários limiares e marginais” se mostrou relevante para esta reflexão, que se deu em alguns momentos onde as luzes ao redor de alguns atalhos da Luz apenas refletiam sombras e silhuetas e abrigavam situações improváveis de serem percebidas e existirem à luz do dia.

Neste sentido, o início do dia, os finais de tarde, a hora do almoço e o anoitecer guardam situações e tempos distintos que abrigam sociabilidades específicas em períodos onde a intensidade do fluxo que, ora se intensifica, ora se dilui, coloca o espaço como abrigo e fonte de vivências em seus diferentes tempos no cotidiano e terreno da criação e experimentação de corporalidades e espacialidades que importam, aqui, para (re)avaliação e atenção aos processos de subjetivação por onde a arquitetura urbana se revela e se disfarça na paisagem da cidade.

Desse modo, a polissemia como característica constituinte deste espaço, que se expressa e se disfarça nas formas de apropriação da paisagem e de usos e *contra-usos* do espaço urbano, seja pelo mercado imobiliário, pelos moradores dos arredores, turistas, pelos passantes ou usuários e usuárias de maneira geral, comporta modos diferenciados de significação e meios de uso do espaço, que acompanham, aliás, o movimento urbano a qual esta região tem vivenciando nos dias de hoje.

As transgressões incorporadas à paisagem da *Luz* afinam o olhar a respeito do que se esconde ou se mascara na cidade e o que está visível e exposto, mas que muitas vezes nos esquivamos e desviamos, e que em última instância reflete as tensões que envolvem a vida entre fronteiras simbólicas, estratégias de usos do espaço urbano, e representações particulares sobre patrimônio e lugares simbólicos, nos mostrando que os agentes envolvidos nestas negociações não estão anestesiados e apáticos frente às intervenções e negociações sobre a cidade.

Quando pensamos as dissonâncias e vibrações produzidas entre os meandros da estética urbana e da estética das práticas erráticas pela cidade, devemos levar em conta, além da coexistência e colisão de momentos históricos sob os quais as experiências urbanas são traçadas, o olhar sobre esse *outro urbano*, aqueles e aquelas que ocupam



zonas opacas pela urbe e que apontam para “outras” urbanidades possíveis: moradores e moradoras de rua, catadores, prostitutas, *michês*, ambulantes, maconheiros, “nóias” e “flanelinhas”, corporalidades que (des/re)dobram o cotidiano urbano em muitas narrativas e vivências ao elaborarem atalhos que apontam para um campo de *micro-resistências* à assepsia instituída por parte dos projetos urbanos pacificadores, esterilizadores, e revitalizadores.

Tal possibilidade de alteridade urbana por meio de presenças conflitantes no cotidiano do espaço urbano reflete e “garante a vitalidade resistente nos espaços públicos a partir de uma forma de apropriação que contraria, desvia ou subverte as imposições autoritárias dos projetos urbanísticos mais luminosos e espetaculares.” (Jacques, 2012), despertando, assim, o impulso da valorização dessas experiências corporais urbanas como forma de apreensão da cidade contemporânea e sua contribuição ao campo dos estudos urbanos.

Valorizar as dinâmicas do corpo na cidade e da cidade no corpo no contexto contemporâneo implica reconhecer os conflitos, dilemas e negociações em jogo em espaços urbanos em suas transformações e intervenções que, no contexto globalizado, se faz pela “homogeneização, imposição de costumes, estilos de vida pasteurizados, monitoramento da ordem e pureza de seus espaços para uso e lazer das classes mais abastadas”, como analisa pontualmente Alicia Norma González de Castells (2014) em sua reflexão sobre as *Revitalizações urbanas na Ilha da Magia (Florianópolis)*.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o olhar voltado para uma região inserida em um contexto urbano marcado por acelerados processos de revitalizações e investimentos estratégicos sobre o espaço em questão, o que procurei demonstrar ao longo deste trabalho foi a existência de mecanismos de ordenação, controle e limpezas urbanas que direcionam suas ações e políticas às corporalidades e práticas que de alguma forma “ameaçam” e desestabilizam a ordem hegemônica da cidade.

“Presenças incômodas”, que ao colocarem em evidência as tensões e conflitos inerentes aos espaços públicos borram e flexionam limiares entre *fronteiras simbólicas* e posições consolidadas de margem e centro, norma e dissidência, rua e casa, público e



privado, e apontam para ambivalências nos próprios significados e percepções consolidados atribuídos aos usos do espaço urbano.

Com isso, por meio de fragmentos de registros do cotidiano da região da Luz e seu entorno, pude acompanhar o acender das luzes em *led* promovido pela revitalização do Mirante Hercílio Luz em janeiro de 2015, assim como a significativa alteração da dinâmica e dos fluxos urbanos desdobrados pelas obras de recuperação da Ponte Hercílio Luz, interditada desde 1991.

Os ruídos da gentrificação ecoados pela região da Luz soam dissonantes quando esbarrados em *errâncias urbanas* e *práticas ordinárias* que coexistem às expectativas normativas sobre esses espaços. Corpos e práticas na mira de projetos urbanísticos e políticas urbanas que visam, de maneira muito enfática, encobri-los por *gentrificados* tapetes urbanos que refletem uma paisagem “segura”, “*hype*” e pacificada.

Dentro desse quadro de estudos, nota-se nos últimos anos uma considerável multiplicação de trabalhos que vem investigando e debruçando atenção ao fenômeno da *gentrificação* nos estudos urbanos contemporâneos no campo das ciências sociais, da arquitetura e urbanismo, ou da economia, e tem se mostrado um tema caloroso a muitos desdobramentos e discussões, sobretudo quando pensamos as diversas peculiaridades e especificidades sociais, arquitetônicas e urbanísticas em que cada dinâmica urbana está inserida.

Assim, o conceito de *gentrificação* pode ser compreendido pelos processos de requalificações e revitalizações urbanas que abarcam as dinâmicas que tecem as cidades contemporâneas e que envolvem a alteração e desconfiguração de contextos social que habitam estes espaços e, neste artigo, se estende a considerações acerca dos usos previstos por planejadores urbanos e que são subvertidos, nos mostrando, dessa forma, as disputas, negociações, confrontos e dilemas que configuram o tecido urbano da cidade contemporânea.

Brechas, fissuras e atalhos abertos nos espaços urbanos que literalmente realocam lugares e corpos encontram-se friccionadas em espaços em movimento e transformação. As práticas errantes que ocorrem pela região da Luz me levam a percepção de que mesmo com a imposição de um urbanismo e uma arquitetura opressora, heterocentrada, polida e higienizada, fissuras são abertas para a apropriação e ocupação dos espaços urbanos, tornando-se justamente o lugar de vivências que, quando



pensamos as disputas e tensões espaciais que sempre estiveram presente no cenário urbano da Ilha de Florianópolis ou de outros centros urbanos, as atuais dinâmicas que envolvem os processos de *gentrificação* parecem retratar velhos enredos, agora talvez em novos enquadres e ângulos, onde os cenários se mostram como palco de conflitos entre as tentativas de adoção de mecanismos que induzam a pretensão de existências pasteurizadas e mornas em espaços urbanos em devir ebulição.

Exige-se o mais rápido possível que sejam apagados os rastros e marcas deixadas pelo “outro” homem comum, por vezes que vêm sendo cotidianamente caladas e literalmente asfixiadas pelos novos ares “pacíficos” e “limpos” da *gentrificação* que tanto “incomodam” os muros brancos de nossas cidades: “ARROZ, FEIJÃO E GANJA”, “CIDADE À VENDA”, “SAUDADE ETERNA IRMÃO LEO”, “FORÇA JOVEM”, “VIOLENTO É O ESTADO”, “CADÊ O AMARILDO ?”.

Ademais, este trabalho busca oferecer alguns elementos que possam contribuir para reflexões sobre a maneira como as transformações ocorridas na cidade de Florianópolis, que em 2010 contava com a população de aproximadamente 340.000 habitantes e passou em 2013 para mais de 450.000, estão inseridas em um processo mais amplo de redefinições e “redescobertas” dos espaços urbanos. (CASTELLS, 2014).

Aterros, elevação de pontes, construção de vias troncais, novas edificações e crescimento imobiliário. Marcas expressas tanto em sua “estrutura física territorial quanto na configuração de suas paisagens” e que “pertencem a um leque extenso de ações realizadas pela esfera pública e privada em áreas da cidade em geral”, onde segundo o destaque de Castells (2014) a respeito do movimento das dinâmicas urbanas que acompanham tais modificações:

A cidade sob esse furacão de transformações reúne uma população de moradores permanentes, flutuantes e visitantes de várias procedências e estilos de vida, que vão impondo suas marcas no solo urbano e no plano discursivo, fundamentalmente através de uma mídia acrítica e complacente. São todas formas que expressam no nível do desejo, ou na própria prática, uma cidade de imagens polissêmicas e não necessariamente harmônicas entre os diferentes agentes da cidade. Muitas dessas transformações podem ser apreendidas a partir do fenômeno das revitalizações urbanas – processos que sofrem muitos bairros, ruas ou municípios da cidade. [...] As revitalizações ou reabilitações urbanas sob a ótica do valor patrimonial realizadas

no centro histórico revelam que o desenvolvimento desses processos implica também a segregação das partes mais caras à condição de vida que lhes dá sentido; excluem as ressonâncias, o patrimônio imaterial, os saberes e formas de fazer do homem comum que mantêm em pé e dão sentido às estruturas materiais. (CASTELLS, 2014. p. 176 -186)

Como apontado pela autora, e, por fim, é possível lançar uma reflexão que traga a política das diferenças que são demarcadas em espaços inseridos em processos de *gentrificação*, ou, ainda e especificamente, sobre as metamorfoses com relação ao corpo e a cidade que a região da Luz vem percorrendo e seus iminentes conflitos traçados por discursos, corpos e práticas orientadas por múltiplos modos de agenciamento.

No entanto, a nova luz acesa pela *gentrificação*, que iluminam a reconfiguração do tecido urbano desta região da cidade, produz sombras e espaços possíveis à “dança dos vaga-lumes”, como metaforizado por Georges Didi-Huberman (2011) inspirado pelo escritor e cineasta Pier Paolo Pasolini, que recorreu a tal metáfora para falar da resistência aos holofotes do fascismo na Itália. Como destaca o autor:

[...] não se pode, portanto, dizer que a experiência, seja qual for o momento da história, tenha sido ‘destruída’. Ao contrário, faz-se necessário afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos à noite. [...] Devemos, portanto [...] nos tornar vaga-lumes e, assim, formar novamente a comunidade do desejo, a comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em dizer o não da luz que nos ofusca” (DIDI-HUBERMAN, 2011. p. 104)

Podemos, com isso, distender e relacionar o que nos diz Didi-Huberman sobre a *sobrevivência dos vaga-lumes* a respeito desse “ momento de graça que resiste ao mundo do terror”, ao que observei em campo pelos caminhos percorridos pela região da Luz, onde se torna possível associar a sobrevivência resistente dos “lampejos errantes dos vaga-lumes” à sobrevivência das próprias práticas erráticas pela cidade.

## 6 – REFERÊNCIAS



ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência. In: *Paisagens paulistanas – Transformações do espaço público*. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Imagens de pensamento/Sobre o haxixe e outras drogas*; edição e tradução de João Barrento. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013

CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de. Revitalizações urbanas da Ilha da Magia (Florianópolis). In: CASTELLS, A.N.G. de; SANTOS, J. L. da C. (org). *Patrimônio cultural e seus campos*. Florianópolis, SC: Ed. da UFSC, 2014

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes / Georges Didi-Huberman*; Vera Casa Nova, Márcia Arbex, tradução; Consuelo Salomé, revisão. Bela Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A governamentalidade, Microfísica do poder* (pp. 277-293). Rio de Janeiro: Graal, 1978.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

JEUDY, H.P, JACQUES, P. Introdução. In: *Corpos e cenários urbanos*, Salvador: EDUFBA: PPG-AU/FAUFBA, 2006.

LOSSO, Juliana Cavilha Mendes. *Dos desregramentos da carne: um estudo Antropológico sobre os itinerários urbanos, territorialidades, saberes e fazeres de profissionais do sexo em Florianópolis/SC*. Tese de Doutorado PPGAS/UFSC. Florianópolis, 2010.



LEITE, Rogério Proença. A exaustão das cidades. Antienobrecimento e intervenções urbanas em cidades brasileiras e portuguesas. *In: Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 25, n. 72, fevereiro de 2010.

NASCIMENTO, Silvana. A cidade no corpo, *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016. URL: <<http://pontourbe.revues.org/3316> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3316>.

SENNET, Richard. *Carne e pedra. o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, Joseli Maria. *Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.